



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do Brasil na I
GM**

ANO 2017

Maio

Nº 220



REUNIÃO DA AHIMTB/RS

Em 1º de junho de 2017, a partir das 1700 h, a AHIMTB/RS promoveu, no Auditório do Museu Militar do Comando Militar do Sul (MMCMS), uma reunião de posse de Membros-Efetivos e de confraternização.

A foto acima foi colhida ao final da reunião, mostrando todos os integrantes e amigos que compareceram à reunião.

Foi aprovada pelos integrantes presentes a proposta da presidência no sentido da criação de uma nova categoria: a de “Amigo da AHIMTB/RS”, que visa integrar pessoas ligadas à História e que prestigiam as nossas atividades. Dos “amigos” não será cobrada a anuidade, mas eles poderão contribuir com textos para publicação neste Informativo. Serão convidados para todas as nossas atividades.

Receberam Termos de Posse os seguintes novos Membros-Efetivos:

- Sr. Juan Carlos Parodi Mintegui;
- Sr. Ricardo Moojen Nácúl;

- Cel Mauro Antônio de Figueiredo Leite;
- Ten Cel Maurício Daniel da Silva; e
- Capitão Ronaldo Tomas Dorigon.

Os novos integrantes receberam, cada um, o seu Termo de Posse e o distintivo de lapela.

Representando as Delegacias do interior do RS, esteve presente o Sr. Ivania Susin, Delegado da AHIMTB/RS em Passo Fundo.

Representando a LDN/RS esteve presente o seu Presidente Cel Marco Elias Danguí Pinheiro e, representando a ADESG/RS, o Cel Petry.



História Militar: sem restrição, em constante transformação

Por Rayanne Gabrielle da Silva ()*

A História Militar deve ser encarada como uma parte da ciência histórica responsável por estudar, investigar e analisar os conflitos bélicos, desde suas causas e consequências aos fatores e influências sobre sua eclosão e finalização. Os aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais, diplomáticos, tecnológicos, geográficos, psicológicos e humanos não devem ser desconsiderados, pois transformam as condições de ser e fazer a guerra e aos elementos que a apoiam.

Segundo Quincy Wright em A Guerra (1988, p. 303), as guerras ocorrem por causa de alterações em inúmeras variáveis, inexistindo, por isso, uma causa simples para sua eclosão. A partir dessa assertiva e da definição proposta anteriormente, a Teoria do Conflito, como responsável por elucidar as diversas possibilidades de geração de conflitos, torna-se a base determinante para a História Militar dar continuidade a compreensão do objeto guerra. Para tanto, reveste-se de graus ou fases que demonstram, quando entendida de forma geral, o fim imediato a desentendimentos mútuos por falta de clareza em um diálogo – através da atuação de uma diplomacia eficaz, capaz de manter o estado de equilíbrio –, ou a estratégia de dissuasão por parte dos mais poderosos - inibindo possíveis posicionamentos que levem ao uso das armas -, ou ao próprio conflito armado – quando falha totalmente a diplomacia e os acordos de entendimento entre as partes em disputa.

Diante de toda a discussão exposta, é fato inconteste que a História Militar jamais deve estar restrita ao conflito armado ou ao seu objeto, o que também não significa que deva fugir dele ou perde sua essência. A História, no século XX, foi cruel com a História Política, portanto, com a História Militar, ao relegá-la aos arroubos da história-batalha, puramente descritiva e entregue a exaltação de nacionalismos e heróis, dando-lhe margem para a reformulação ainda em curso nos dias atuais. Inúmeros estudos vêm sendo

realizados - em universidades, nos quartéis e de forma independente -, provando o quanto a guerra mudou suas definições ao longo dos séculos, numa constante mutação em acompanhamento aos sucessivos e singulares tempos históricos. Impossível ignorar suas diversas representações e significados, os quais terão sempre o que ensinar para não tornarmos a empregar a guerra como único meio disponível para a solução dos problemas mais imediatos – ou não – da humanidade.

(*) Pós-graduanda em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e graduanda em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e técnica em Segurança do Trabalho pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Já foi estagiária em História do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte (TRE-RN), bolsista do Projeto de Pesquisa de Implantação do Memorial do Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Norte pela UFRN/FUNPEC/MPT-RN e bolsista do Projeto de Pesquisa do Memorial do Projeto Nacional do Livro Didático (PNLD)/Arquivo da Arquidiocese de Natal-RN pela UFRN/SESU/MEC.



Você sabia?

Que parte do Rio Grande do Sul já foi espanhol? Durante o período da invasão espanhola no Rio Grande do Sul, entre 1763 e 1776, a área que ficou sob domínio de Espanha, conforme Guilhermino César (História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1970, p. 187) foi a seguinte: a oeste, tendo como limite a margem esquerda da Lagoa dos Patos, a do rio Guaíba e a do rio Jacuí, estava em mãos luso-brasileiras. Toda a área a leste estava sob domínio espanhol. Esta invasão/ocupação durou 13 anos e foi vencida em 1776. O Tratado de Santo Ildefonso de 1777 dividiu o RS ao meio, ficando a parte oeste para os espanhóis e a parte leste para os luso-brasileiros.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis
lecaminha@gmail.com

Visite os sites de História Militar:
www.ahimtb.org.br
www.acadhistoria.com.br

E do Núcleo de Estudos Estratégicos do CMS:
www.nee.cms.eb.mil.br